



A Tradução como Fenômeno Comunicacional¹

Paulo José Veras GONÇALVES²

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Os estudos de tradutologia sempre estiveram mais restritos a Linguística que a Teoria da Comunicação, um erro. A sensibilidade da visão de Roman Jakobson nos permite visualizar a tradução não só como um fenômeno comunicacional semiótico. Trabalhar as questões da comunicação a partir do sistema de comunicação enriquece nossa discussão de várias formas. Combinando as duas áreas, podemos perceber a situação do tradutor como um receptor que se transforma em emissor, a importância da mudança de código para a classificação dos tipos de tradução, a centralidade da equivalência da mensagem para a validação da tradução e as implicações da fundamentação na mensagem para a tradução poética.

Palavras-chave: tradução; comunicação; poética; Jakobson.

O que é tradução?

O que é uma tradução? Qual seu conceito e essência? O que lhe concerne? Esse deve ser o ponto de partida para uma concepção de tradução como fenômeno comunicacional. Para tanto é preciso ressaltar a falta de uma definição teórica simples de “tradução” em vários dos dicionários de linguística publicados no Brasil. A opção “traduzir” também passa despercebida pela maioria deles. Apenas no popular Dicionário de Linguística da Editora Cultrix (1998, p.594) achamos que “Traduzir é

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UFPE, email: pj.veras@gmail.com.



enunciar numa outra língua (ou língua de chegada) o que foi enunciado numa língua-fonte, conservando as equivalências semânticas e estilísticas.”.

Essa definição só nos parece parcialmente válida. Em termos de completude, a melhor definição talvez seja a extraída de um dos textos mais famosos da teoria da tradução, Aspectos Linguísticos da Tradução. Escrito por Roman Jakobson foi publicado pela primeira vez em 1959 na coletânea *On Translation* e no Brasil no livro *Linguística e Comunicação*. Nele, encontramos que:

“Para o Lingüista como para o usuário comum das palavras, o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente por um signo ‘no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo’, como insistentemente afirmou Peirce, o mais profundo investigador da ciência dos signos.” (JAKOBSON, 2007, p.64)

Não é o caso de aprofundar como o conceito de significância é apresentado em Jakobson. O russo preconizará no texto que a tradução será a substituição de um signo por outro que se mostre mais desenvolvido (ou que comunique melhor), preservando a equivalência da mensagem. Mais interessante é perceber que em outro momento do texto ele classifica os tipos de tradução entre intralingual, interlingual e inter-semiótica anuindo que elas consistem em um tipo de interpretação (JAKOBSON, 2007, p. 64-65). O maior legado de Jakobson para os estudos da tradução é justamente sua capacidade de percebê-la como fenômeno que perpassa a mera mudança de línguas e que atinge outras linguagens, transformando-se num fenômeno de comunicação semiótico. Uma revisão da classificação da tradução em Jakobson pode ser vista em GONÇALVES (2011). Quanto à interpretação, o italiano Umberto Eco (2011, p. 253), apesar de não concordar com o conceito de tradução de Jakobson, nos coloca no contexto exato ao lembrar que não se pode confundir os termos e que a relação entre “tradução” e “interpretação” em Jakobson faz parte da ideia peirceana de *pars pro toto*. Ou seja, a tradução é um tipo de interpretação; não o contrário e, acima de tudo, ambas não se equivalem.

A tradução como substituição de signos em outros que se achem melhor desenvolvido, algo que perpassa todas as formas de linguagem e extrapola o contexto original de tradução como pura e simplesmente elemento da língua (ou da linguagem verbal), eis o enriquecimento de Aspectos Linguísticos da Tradução para os estudos teóricos da área. Poder ver no filme *Carrie* dirigido por Brian De Palma e lançado em



1976 a mesma Carrie do livro publicado por Stephen King em 1974, só que traduzida inter-semioticamente, ressignificada, nos dá outra dimensão do processo de tradução, de sua potência, importância e significado para a comunicação midiática e para a produção artística. Mas não é só. Perceber a tradução como processo comunicativo nos revela aspectos e questionamentos centrais para o estudo teórico das traduções.

Tradução e sistema de comunicação

Jakobson é lembrado nos estudos de comunicação por ter esquematizado de forma teórica o sistema comunicacional que até hoje é usado para compreender os processos de comunicação. De acordo com esse arcabouço teórico, a comunicação se dá entre um emissor e um receptor, por meio de mensagens transmitidas por um canal através de um código que fazem menção a um referente. Conforme nos lembra o professor Francis Aubert, professor titular da USP e estudioso de tradutologia, a tradução em Jakobson é uma necessidade e uma resposta a um bloqueio de comunicação:

“Assim, supõe-se que toda tradução é motivada por uma necessidade ou por um conjunto de necessidades, subjetivas e/ou objetivas, individuais e/ou coletivas, necessidades essas manifestando-se sempre que, sob quaisquer circunstâncias, venha a ocorrer um bloqueio parcial ou total na relação comunicativa Emissor < - > Receptor.” AUBERT (1994, p. 10)

Uma impossibilidade que impede que os receptores tenham acesso à mensagem por algum motivo. Esse bloqueio pode ser de ordem linguística, como a falta de compreensão de uma língua estrangeira, ou não linguística, como as mudanças de estilo entre um texto produzido dois séculos atrás e os leitores modernos. Ambos os casos pressionam o sistema de comunicação a buscar uma saída para o contato entre emissor e receptor; essa saída é a tradução. O esquema apresentado por Aubert segue abaixo.



(1) EMISSOR -> mensagem 1 -> <bloqueio>/RECEPTOR

(2) EMISSOR -> mensagem 2 -> RECEPTOR

em que:

mensagem 1 => mensagem 2

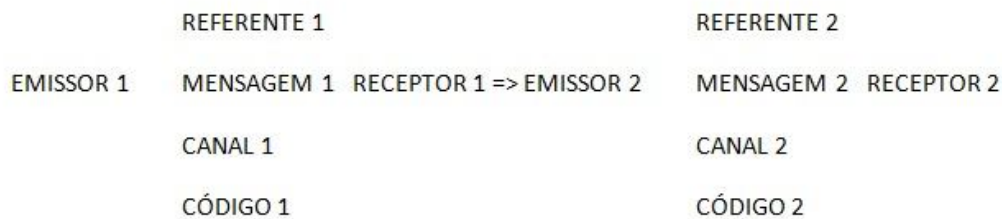
Esse problema não se encontra só nos textos linguísticos, mas em todas as formas de comunicação. Assim, os camponeses medievais incapazes de ler a bíblia receberiam seus ensinamentos através da homilia do padre (tradução interlingual) ou pelos afrescos pintados no teto e nas paredes da igreja (tradução inter-semiótica). O mesmo vale para o jovem não adepto da leitura que encontrou no filme de De Palma uma forma de acesso à mensagem do livro de King. Nesse ponto, entra um questionamento sobre a identidade do processo de tradução. Tal como o padre interpreta o texto bíblico em sua fala, o diretor faz modificações na história de Carrie em seu filme. Traduzir é, também, interpretar, e toda interpretação pressupõe lances de decisão e escolhas que farão com que o “texto” de chegada não seja idêntico ao “texto” de saída. Jakobson fala no valor linguístico saussureano e em equivalência na diferença, aceitáveis na discussão linguística. Paul Ricoeur (2011) oferece uma opção estendível a outras linguagens, ao substituir a dicotomia traduzível/intraduzível por fidelidade/traição. O tradutor (linguístico ou semiótico) interpretará qual a mensagem (o cerne) do “texto” de origem e será fiel a ele. Poderá cometer erros; um outro tradutor poderá fazer uma interpretação diversa e ser fiel a outro aspecto do “texto” de origem. O limite para essas interpretações é tão somente a traição, a traição ao que foi comunicado pelo autor.

É interessante ressaltar esse destaque para a mensagem que existe em Aubert tal como em Jakobson. Após apresentar sua classificação das traduções, Jakobson gasta três parágrafos falando sobre a questão da mensagem, antes de adentrar na riquíssima questão da equivalência na diferença. E dificilmente podemos supor que o homem que teorizou para nós a questão da mensagem utilizasse o termo “mensagem” de modo impreciso, ou que não soubesse exatamente o que entendia por mensagem, quando se referia a ela. E podemos encontrar uma justificativa para a preocupação de Jakobson com a mensagem quando percebemos que, entre os dois processos comunicativos que sustentam a tradução, não há (necessariamente) equivalência entre os emissores, os



receptores, os códigos, os canais e os referentes. Dessa forma, a tradução se sustenta em cima da equivalência entre as mensagens, elas são a pedra de toque, o mecanismo que faz com que o processo deixe de ser uma mera interpretação para constituir numa tradução (com os parâmetros de fidelidade a mensagem original que lhe é exigido). Não se traduz forma ou conteúdo, isto é uma falácia. Traduz-se a mensagem, com seu caráter de sentido e de estilo. Isso explica a preocupação do tradutor não só com o conteúdo semântico, mas também sintático no momento do processo tradutório.

Mas esse esquema pode ser refinado, como propõe CAMPOS (1986) e melhor destrincha AUBERT (1994), podemos pensar num esquema de comunicação que compreenda todas as partes do processo de tradução da seguinte forma:



Esse esquema nos esclarece acerca da posição do tradutor. Este ser que está necessariamente imerso entre os receptores da primeira mensagem e, ao mesmo tempo, conhece os códigos para se comunicar com os receptores da segunda mensagem, além de possuir as capacidades comunicativas que o transformam de receptor em novo emissor; desta vez, investido do caráter de tradutor. Assim, percebemos, a tradução é um fenômeno de comunicação que acontece, substancialmente, na instância do tradutor. Sobretudo, traduz-se quando o tradutor deixa de ser um mero receptor e se transforma em um novo emissor de uma nova mensagem que busque equivaler-se a mensagem anterior. Essa instância é válida mesmo para casos em que o autor se torna o tradutor do seu próprio texto para outra língua.

Fora isso, esse esquema permite aclarar em nossa mente o fundamento dos problemas encontrados no processo de retradução. A prática de tradução condena que um determinado tradutor utilize uma tradução para retirar dali a sua própria, ressaltando que todo processo de tradução deve ser feito a partir do original. Historicamente, não é muito difícil percebermos casos de traduções de uma tradução, com destaque para o texto bíblico, praticamente uma sopinha de letras. A retradução, entretanto, continua



sendo vista como uma prática menor, que resulta num texto mais pobre e mais passível de erro. Sustentada pela teoria acima, vemos que o problema da retradução reside, justamente, no aspecto comunicativo da linguagem. Primeiro, a retradução passa pela mão de mais de um interprete/tradutor, o que tende a resultar em um texto cada vez mais diverso do original. Segundo, porque encadeando um novo processo comunicativo ao esquema acima (com um emissor 3, uma mensagem 3 e assim sucessivamente) a possibilidade de ocorrerem ruídos e falhas nessa comunicação se torna maior; e novamente a retradução se distancia do texto original. E lembre que, como defendeu RICOEUR (2011), a questão da fidelidade da tradução e sua não traição à mensagem original é que fundamentam esse processo como válido e aceitável.

Quanto à classificação da tradução – como Jakobson o faz entre intralingual, interlingual ou inter-semiótica ou como GONÇALVES (2011) ainda coloca incluindo não só a tradução intra-semiótica, mas várias outras possibilidades de tipos de tradução – ela se aclara quando percebemos que, neste contexto de comunicação, sua classificação deriva da passagem da mensagem entre os diversos códigos. Perceber a questão do código como elemento central do nosso processo de classificação das traduções permite que a teoria da tradução dê um maior embasamento teórico a parte dos estudos de tradutologia. Assim, coloca Mário Laranjeira pouco após ressaltar a necessidade de equivalência entre as mensagens:

“Notemos que a tradução seria tanto mais perfeita quanto mais a ‘mensagem II’ tende-se a ser um equivalente da ‘mensagem I’. (...) Se o código I for, por exemplo, pictórico, e o código II for linguístico, ou vice-versa, teremos a tradução a que Jakobson denomina *intersemiótica*. Os signos podem ser total ou parcialmente substituídos por signos de outros códigos. Um mudo que utilizasse um código gestual para transmitir o que ouviu estaria praticando uma tradução intersemiótica total. Um romance levado à tela cinematográfica manteria, na sua nova formulação, parte dos elementos linguísticos: a substituição por outro código seria apenas parcial, havendo, pois, apenas parcialmente tradução intersemiótica.” (LARANJEIRA, 2003, p.17)

Tradução e Poética

A dificuldade de se traduzir textos poéticos é um consenso nos estudos de tradutologia. Existe uma tendência, amparada inclusive em Jakobson, a classificar a



poesia como intraduzível. Entretanto, fazê-lo é cair em contradição com nossas experiências empíricas, uma vez que sempre houve traduções de poesia e boa parte dela sempre teve um nível aceitável. Instigado pelo tema, o professor LARANJEIRA (2011) escreve um capítulo inteiro para discutir a possibilidade tradutora da poesia, amparado no próprio Jakobson, que inclusive era tradutor de poesia. Por isso, retornando a Ricoeur, devemos tratar a tradução poética como uma possibilidade com maior ou menor grau de tradutibilidade à medida que a competência do tradutor nos consiga legar um trabalho fidedigno ao original.

A questão da tradutibilidade da poesia se torna tanto mais complicada quanto mais essa poesia se sustente na mensagem. Assim, ECO (2011, p.288) nos faz uma pegadinha com um poema pseudofuturista que ele compõe em italiano “*Explosiooone! Una boooOmba!*”, traduz para o inglês “*Explosiooon! A boooOmb!*” e que nós poderíamos traduzir para o português como “*Explosãooooo! Uma boooOmba!*”. Admitem-se essas traduções como razoáveis (registre-se que nas três línguas as palavras-chave do poema possuem a mesma etimologia: o latim *explodere* e o grego *bombos*), mas encontraríamos problemas para traduzir para o mandarim ou o persa. Uma vez que essas línguas possuem alfabetos diferentes do latino, seria um mecanismo deverás complexo reconstituir – sem trair a mensagem original, diga-se de passagem – o falso poema do autor italiano. Não é preciso ser tão extremista como Eco. Basta lembrar que o foco na mensagem é o fundamento daquilo a que o grupo dos formalistas (ao qual pertencia Jakobson) trabalhou. JAKOBSON (1978, p. 177) nos diz que:

“Mas como se manifesta a poeticidade? A palavra é então experimentada como palavra e não como simples substituto do objeto nomeado, nem como explosão da emoção. As palavras e sua sintaxe, sua significação, sua forma externa e interna não são então indícios indiferentes da realidade, mas possuem o seu próprio peso e o seu próprio valor.”

Este mesmo Jakobson irá teorizar, como bem sabemos, o sistema de comunicação tradicional que discutimos acima. O que teria ele a dizer sobre a mensagem, então? Este elemento que, como já foi discutido, é o sustentáculo do fenômeno de tradução. Diz JAKOBSON (2007, p. 123) que “A estrutura verbal de uma mensagem depende basicamente da função predominante.”. E após descrever como cada elemento do processo de comunicação se relaciona a uma determinada função da



linguagem, conclui que a relação entre a mensagem e a função poética da linguagem é mais intrínseca do que podemos perceber num primeiro momento.

“Destacamos todos os seis fatores envolvidos na comunicação verbal, exceto a própria mensagem. O pendor (*Einstellung*) para a MENSAGEM como tal, o enfoque da mensagem por ela própria, eis a função poética da linguagem. Essa função não pode ser estudada de maneira proveitosa desvinculada dos problemas gerais da linguagem, e por outro lado, o escrutínio da linguagem exige consideração minuciosa da sua função poética. Qualquer tentativa de reduzir a esfera da função poética à poesia ou de confinar a poesia à função poética seria uma simplificação excessiva e enganadora. A função poética não é a única função da arte verbal, mas tão-somente a função dominante, determinante, ao passo que, em todas as outras atividades verbais ela funciona como um constituinte acessório, subsidiário. Com promover o caráter palpável dos signos, tal função aprofunda a dicotomia fundamental de signos e objetos. Daí que, ao tratar da função poética, a Linguística não possa limitar-se ao campo da poesia.” (JAKOBSON, 2007, p. 127-128)

Ao demonstrar a relação direta entre arte verbal (destaque para o fato de que a poeticidade não está presente apenas na poesia, mas também na prosa e, mais que isso, mesmo na linguagem convencional) e a estrutura da mensagem, Jakobson nos dá a pista para compreender o clássico problema da tradução de textos literários/poéticos. A tarefa para o tradutor de literatura é reconstituir em outro sistema semiótico, geralmente outra língua, a mensagem original. O próprio sentido do texto original, seu fundamento, está indissociavelmente ligado àquela mensagem original, o que torna o trabalho de produzir outra mensagem equivalente e fiel a primeira um desafio adicional ao já tortuoso desafio da tradução. Na prosa, onde as outras funções compartilham com a função poética de grande parte da estrutura do texto, esse desafio existe, porém em menor intensidade. Na poesia, entretanto, onde há o absoluto predomínio da linguagem poética – a ponto de a organização textual se tornar um elemento fundamental da mensagem, como no falso poema de Umberto Eco – a intensidade desse desafio é muito maior; o que exige uma maior competência do tradutor.

Num livreto da série Princípios sobre as funções da linguagem, editado pela Editora Ática, a professora Samira Chalhub, fundadora do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise da PUC-SP, amplia a problemática sobre a função poética ao defender sua existência (ou de uma função equivalente) em outras formas de linguagem.

“Então é possível observar função poética fora da poesia? Qualquer sistema de sinal, no sentido de sua organização, pode carregar em si uma concentração poética, ainda que não predominantemente. Uma foto pode estar contaminada de traços poéticos, uma roupa pode combinar, na sua montagem sintagmática, o equilíbrio de cor, corte e textura do tecido, um prato de comida pode desenhar, sensualmente, a forma e o cheiro do cardápio, uma arquitetura pode exibir relações de sentido entre o espaço e a construção, a prosa pode aspirar à poeticidade... mas na *poesia*, os emotivos que me perdoem, ela é fundante e fundamental, nos diz o mestre Jakobson.” (CHALHUB, 2008, p. 34)

Jakobson nos lembra também que esses aspectos não se restringem a linguagem verbal, mas perpassam outros tipos de linguagem; fazendo menção ao que ele mesmo chamou de tradução inter-semiótica.

“É evidente que muitos dos procedimentos estudados pela Poética não se confinam à arte verbal. Podemos reportar-nos à possibilidade de converter *O Morro dos Ventos Uivantes* em filme, as lendas medievais em afrescos e miniaturas, ou *L'après-midi d'un faune* e da *Odisséia* transformadas em histórias em quadrinhos, certos traços estruturais de seu enredo são preservados, malgrado o desaparecimento de sua configuração verbal.” (JAKOBSON, 2007, p. 119)

De fato, podemos imaginar que em qualquer forma de arte – sustentada em qualquer forma de linguagem – o problema da tradução se mostrará presente. Isto porque dentro do formalismo russo, corrente de Jakobson, o que sustenta a condição de obra de arte a algo é justamente sua existência estética e não funcional; centrada na mensagem como elemento do processo de comunicação. Por mais amplo que nos pareça o conceito de tradução defendido nesse trabalho, ele sempre esbarará nesta que é uma questão central dos estudos da tradução. Seja naquilo a que GONÇALVES (2011) chamou de tradução intra-semiótica ou na própria tradução inter-semiótica de Jakobson, a tradução da arte esbarará sempre na dificuldade de reconstituir uma mensagem equivalente, considerando-se a importância da mensagem para o estatuto da obra de arte. Por fim, vale ressaltar que o próprio JAKOBSON (1978) chega a relacionar a poeticidade ao que ele chama de “função estética”, o equivalente da função poética nas outras representações artísticas. Este conceito de função estética, portanto, está condicionado a sua relação à mensagem, na qual se insere a mesma discussão sobre o problema de tradutologia da poesia.



Referências Bibliográficas

- AUBERT, Francis Henrik. **As (in) fidelidades das traduções: servidões e autonomia do tradutor**. 2.ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1994.
- CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- DICIONÁRIO de Linguística. 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa: experiências de tradução**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2011. Texto integral.
- GONÇALVES, Paulo José Veras. **A Tradução Intra-semiótica**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NE REGIÃO NORDESTE, 13, 2011, Maceió – AL. Anais. Maceió: INTERCOM, 2011.
- JAKOBSON, Roman. O que é a poesia. In: TOLEDO, Dionísio (org.). **Círculo Linguístico de Praga: estruturalismo semiologia**. Porto Alegre: Globo, 1978.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 24ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- LARANJEIRA, Mário. **Poética da Tradução: do sentido a significância**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- RICOEUR, Paulo. **Sobre a Tradução**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 26ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.